

O TRABALHO DE CAMPO COMO DELIMITADOR DO OBJETO DE PESQUISA

Dagoberto José Bordin¹

RESUMO: O objetivo deste artigo é refletir sobre a redefinição de um mesmo objeto de pesquisa, no caso a cultura termal, quando ele é analisado em contextos específicos, num paralelo oportunizado pela elaboração da tese de doutorado intitulada “Cultura termal e processos de patrimonialização e turismo em duas estações de águas termais: Santo Amaro da Imperatriz/Brasil e Nueva Federación/Argentina”. A tese foi orientada pela professora Alicia Norma González de Castells e defendida em março de 2015 por Dagoberto José Bordin, no Programa de Pós-graduação em Antropologia Social da Universidade Federal de Santa Catarina, PPGAS/UFSC, com bolsa do Programa de Doutorado Sanduíche no Exterior (PDSE/Capes) na Universidad de Buenos Aires.

Palavras-chave: turismo termal, termalismo, cultura termal.

¹ Doutor em Antropologia Social pela Universidade Federal de Santa Catarina, membro do NAUI – Dinâmicas Urbanas e Patrimônio Cultural.

No transcurso do período dedicado à pesquisa de campo para a elaboração da tese intitulada “Cultura termal e processos de patrimonialização e turismo em duas estações de águas termais: Santo Amaro da Imperatriz/Brasil e Nueva Federación/Argentina”, no Programa de Pós-graduação em Antropologia Social da Universidade Federal de Santa Catarina, PPGAS/UFSC, foi-me concedida uma bolsa de estudos do Programa de Doutorado Sanduíche no Exterior – PDSE/Capes), na Universidad de Buenos Aires, um período de seis meses para estudar o assunto também em Nueva Federación, na Argentina.

Este período foi salutar no sentido de por à prova meus objetos de pesquisa porque, neste novo contexto, eles foram obrigados a se redefinir. O recorte se modificou, agregando novas possibilidades de exploração. Se mesmo no âmbito da circunscrição a Santo Amaro da Imperatriz já havia tido alguma dificuldade com o que recortar, agora, entre o final do ano de 2012 e o começo de 2013, a situação se complexificava. Mais ainda porque havia então a premência do tempo: era pouco tempo para o campo na Argentina e o retorno ao Brasil iria trazer prazo, cada dia mais exíguo, para a defesa da tese.

Minha sensação era de que já não conseguiria mais delimitar meu objeto. No princípio, era a água... Água que pela sua própria natureza transmuta-se e escorre entre nossos dedos, evapora, respinga. A água como fluido que, conforme Bauman (2003), move-se facilmente. Os fluidos “fluem”, “escorrem”, “esvaem-se”, “transbordam”, “vazam”, “inundam”, “borrifam”, “pingam”; são “filtrados”, “destilados”. Diferentemente dos sólidos, não são facilmente contidos – contornam certos obstáculos, dissolvem outros, invadem, inundam. A extraordinária mobilidade dos fluidos é o que os associa à ideia de “leveza”. Há líquidos que, centímetro cúbico por centímetro cúbico, são mais pesados que muitos sólidos, mas, ainda assim, tendemos a vê-los como mais leves, menos “pesados” que qualquer sólido (BAUMAN, 2003, p. 4).

Mas seria, de fato, a água o meu objeto? Ou seria a água termal? Seria o meu objeto o turismo derivado da exploração da água termal? Ou o patrimônio cultural imaterial derivado da cultura termal?

Ainda que ambas as localidades tenham em comum a exploração da água termal como atrativo turístico, trata-se de locais com características bastante distintas: o primeiro, com uma população informada sobre os banhos termais desde a época do Império; o segundo, com uma população três vezes reassentada, na última oportunidade para dar lugar à represa argentino-uruguaia de Salto Grande e cuja população descobriu ter sido instalada em cima de uma mina

de águas termais – sobre o transnacional Aquífero Guarani². Esta fonte, encontrada depois de exaustiva perfuração, passou a ser explorada turisticamente há pouco mais de uma década e o parque termal de Nueva Federación se constitui, hoje, na principal fonte de divisas do município.

Tencionava, num primeiro momento, pensar a água termal – elemento essencial como constituidora do turismo termal – nestes dois contextos contrastantes, como bem cultural imaterial e, como é possível constatar ao longo da tese, é inédito o registro do uso da água como bem cultural imaterial, ou patrimônio cultural intangível, tanto no Brasil quanto no mundo (BORDIN, 2015, p. 215).

Ao longo do campo, percebi que, em vez da água ou da água termal, era o processo que transforma este bem em patrimônio cultural imaterial que ia se evidenciando como o próprio objeto da pesquisa. Mas o que se entende por patrimônio cultural imaterial? A Organização das Nações Unidas para a Educação, a Ciência e a Cultura (Unesco) define como patrimônio cultural imaterial “as práticas, representações, expressões, conhecimentos e técnicas – com os instrumentos, objetos, artefatos e lugares culturais que lhes são associados – que as comunidades, os grupos e, em alguns casos, os indivíduos, reconhecem como parte integrante de seu patrimônio cultural”. O patrimônio cultural imaterial ou intangível compreenderia, portanto, as expressões de vida e tradições que comunidades, grupos e indivíduos em todas as partes do mundo recebem de seus ancestrais e repassam a seus descendentes. Apesar de tentar manter um senso de identidade e continuidade, este patrimônio está em constante mutação, característica que é justamente a marca dos patrimônios imateriais.

Só que o campo, ainda em Santo Amaro da Imperatriz, demonstrou-me que em poucos momentos a água termal era percebida como patrimônio – seja material ou imaterial, o que demonstra que há um descolamento entre as nomenclaturas oficiais, os conceitos teóricos e a percepção do detentor do bem. A palavra costuma não encontrar “ressonância” (GONÇALVES, 2005) e o termo “patrimônio”, para muitas das pessoas entrevistadas em Santo Amaro da Imperatriz, por exemplo, continua remetendo às construções históricas (igrejas, casas, um hotel

² O Aquífero Guarani estende-se sob uma área de 1,2 milhão de quilômetros quadrados, dois terços dela no Brasil – em São Paulo, Minas Gerais, Mato Grosso, Mato Grosso do Sul, Goiás, Paraná, Santa Catarina e Rio Grande do Sul – e o restante no noroeste da Argentina, leste do Paraguai e norte do Uruguai. O manancial é estimado em 50 mil quilômetros cúbicos de água doce, que seriam suficientes para abastecer o mundo todo por dez anos, se levado em conta o consumo atual. No Brasil, as pesquisas sobre esse manancial se desenvolveram, sobretudo a partir dos anos 70, no Departamento de Águas e Energia Elétrica (DAEE). “O Brasil e demais países do Mercosul iniciaram em 2001 um projeto para aprofundar estudos e criar um modelo de gestão do uso das águas do aquífero e sua proteção ambiental. O projeto foi apoiado pelo Fundo Mundial para o Meio Ambiente e já contou com investimento de US\$ 25 milhões dos países envolvidos”. <http://revistapesquisa.fapesp.br/2001/04/01/agua-riqueza-em-exame>. Consulta em 21 de novembro de 2013.

tombado), embora já se possam observar pequenos deslizamentos de sentido, para englobar patrimônios imateriais como a banda de música da cidade ou uma cascata (a Cobrinha de Ouro) e, ainda, um morro (o do Queimado). Já no campo em Nueva Federación consegui notar que a patrimonialização, muitas vezes – em especial quando se trata de patrimônio da humanidade –, é considerada como uma ingerência na gestão do recurso.

Da mesma forma, seria precipitado imaginar que as águas de Caldas da Imperatriz pudessem ser reivindicadas como patrimônio – seja da humanidade, seja nacional, do estado ou do município, uma vez que estas águas, como já foi mencionado, encontram poucas ressonâncias na comunidade, tanto entre os “de fora” quanto entre os próprios locais. Pelo contrário, em Santo Amaro da Imperatriz, a tendência é privatizar o bem e talvez o que possamos sugerir é que a privatização das águas termais priva, justamente, determinados estratos sociais tanto da água de beber e do banho público quanto da higiene, do prazer, da cura, do lazer e de todo o conteúdo semântico que emerge da memória coletiva quando se mencionam as águas termais.

A cultura termal, como pudemos depreender, possui uma trajetória ancestral e uma das nossas hipóteses – anterior ao campo – era de que o fato de ter tanta tradição pudesse realimentar o imaginário turístico, entre pessoas estabelecidas nestes locais explorados pelo turismo termal, nativos ou não, e seus visitantes, em estações termais modernas como as de Caldas da Imperatriz e de Nueva Federación.

Percebemos que não é bem assim. Não nestas duas estações estudadas.

O turismo termal se distingue, em Santo Amaro da Imperatriz e em Nueva Federación, os contextos escolhidos para análise na tese supracitada, com relação ao seu aproveitamento, basicamente porque: em Santo Amaro, o turismo termal disputa com outros tipos de turismo – turismo de aventuras, religioso, rural. Ali, o turismo também já não é a principal fonte de receitas, pois foi suplantado pelos serviços, pelo comércio e pela agroindústria. Já em Nueva Federación, o turismo termal é hoje a principal fonte de receita do município. O turismo termal em Nueva Federación não concorre com outros tipos de turismo e é gerenciado pela municipalidade, num parque termal público. Em Santo Amaro da Imperatriz, a exploração do turismo termal é privativa e praticada por grupos em sua maioria vindos de fora do município, do Rio Grande do Sul, ou os “árabes”, do Oriente Médio ou da África, sem que a Prefeitura sequer tenha controle sobre a entrada de divisas devidas ao turismo termal.

Observam-se, no entanto, algumas congruências: nas duas localidades, o banho termal ao longo do tempo passou a adquirir uma função mais lúdica e de distinção social e consumo que propriamente de cura – caso de outras estâncias termais como as estudadas na Europa por Maria Manuel Quintela (1999, 2002, 2004, 2011) ou Cristina Bastos (2011). De práticas ligadas na Antiguidade ao ócio e ao prazer, os banhos termais, públicos e coletivos, converteram-se em banhos destinados a terapias sanitárias, apropriadas pela medicina científica, e, atualmente, são lugares mais dedicados ao lazer e à estética, práticas que inclusive independem da água termal, tanto em Santo Amaro da Imperatriz quanto em Nueva Federación.

A reinvenção das estações termais se dá, agora, em lugares destinados ao prazer associado ao consumo mais que à saúde. Trata-se de spas acessíveis quase sempre a camadas mais abastadas da população. Basta para constatar isso que se consultem as tarifas nas termas de Jurema, no Paraná, ou na Pousada do Rio Quente, em Caldas Novas, Goiás, para ficar apenas no Brasil, e já teremos uma ideia de quão exclusivas podem ser estas estações de águas.

Em parte, elas reabilitam uma antiga tradição de prazer dos sentidos, em parte apelam para novas inclinações de apreciação da natureza e dos seus elementos, em parte, ainda, jogam com as tendências de ressacralização das águas ou investem no consumo dos novos produtos, que nos aparecem como fins de semana de relax, contato com a natureza, degustação de vinhos e, como no caso do parque termal de Nueva Federación, máscaras de caviar, de champanha, de ouro ou de diamante, por mais bizarras que possam parecer, antes ou depois de uma sessão de apostas nos cassinos, presentes em quase todas as termas argentinas.

Com relação a uma de minhas hipóteses, anteriores ao campo, a de que meu objeto poderiam ser as “tribos” de aqúistas, que percorreriam “circuitos” próprios do turismo termal, ela não se evidenciou, nem em Santo Amaro da Imperatriz nem em Nueva Federación. Em nenhum momento pude perceber um sistema de representações que pudesse permitir a construção de um eu coletivo que identificasse os sujeitos localizados nestes dois municípios, um eu coletivo diferente do daqueles que habitam municípios vizinhos, com um imaginário comum do passado, condutas atuais e projetos para o futuro. Um eu coletivo que os diferenciasse dos turistas de sol e mar ou dos turistas que frequentam os circuitos religiosos ou de esportes radicais. Talvez isso pudesse ser observado apenas em parte em Nueva Federación, por ser o termalismo a atividade econômica mais rentável da localidade. O conceito de identidade coletiva relacionada à cultura termal se desvaneceu na análise das falas de meus informantes. Uma dessas informantes, em

Santo Amaro da Imperatriz, comenta inclusive que a moda do termalismo já passou, que agora a busca de saúde está voltada para o consumo de fármacos e para a prática da alopatia. Um banho de água fria nas minhas convicções.

Foi difícil abandonar a ideia de que a água era o elemento central na reprodução não somente material, mas também simbólica dos povos indígenas e das comunidades tradicionais. É essencial, poderia buscar suas origens nos usos comunitários e ritualísticos que delas faziam os Xokleng, os silvícolas citados pelos historiadores, que conheciam as águas termais no território que seria hoje Santo Amaro da Imperatriz e Águas Mornas, antes da apropriação delas feita pela família real brasileira. Ela que está presente desde as primeiras cosmologias, em inúmeros mitos de criação, que aparece muitas vezes como presente dos deuses aos antepassados. “(...) Nas sociedades tradicionais, a água é um bem da natureza, muitas vezes dádivas da divindade, responsável pela sua abundância ou pela sua escassez. Proveniente da natureza, a água é um bem de uso, em geral, coletivo”.³

Tinha que delimitar meu tema, afinal a pesquisa não era sobre água e, sim, sobre água termal e, mais especificamente, sobre o banho termal, o turismo termal, a água termal como patrimônio imaterial. Ainda que se observe que o banho termal, hoje, tenha adquirido uma função mais lúdica e de socialização e de distinção social, poderíamos supor, então, que o ato de praticar o banho termal contribuiria para constituir sujeitos, lhes daria determinada corporalidade e determinaria certa noção de pessoa. O fato de se reconhecerem como aquistas contribuiria para defini-los, a partir dos usos terapêuticos da água, dos “cuidados de si” (FOUCAULT, 2011), mais uma possibilidade de abordar o assunto de um ponto de vista antropológico. Esta hipótese, no entanto, também não se confirmou.

Percebi que, por outro lado, ao lidarem com a água termal nos hotéis e, no contato direto com os turistas, quem acaba agregando características comuns pertinentes a este universo simbólico relacionado à água termal são os próprios trabalhadores das termas. A água termal lhes empresta mais identidade que propriamente aos termalistas – vejam que surpresa.

Outro dado inesperado foi a relevância da bica d’água no bairro turístico de Caldas da Imperatriz. A bica d’água revelou-se um achado, na pesquisa, porque ela é anacrônica, contradiz o universo do glamour dos “de fora”, contrastados com a urgente necessidade de água de beber tanto dos locais quanto dos moradores da Grande Florianópolis. A bica está na contramão,

³ DIEGUES, A. C. **Água e cultura nas populações tradicionais brasileiras.** <http://antroposimetria.blogspot.com.br/2011/02/simbologia-da-agua-entre-os-povos.html>. Acesso em 5 de agosto de 2012.

porque o bairro turístico já conta com difícil acesso, no sentido de que é uma via estreita e, como os “de dentro” vão buscar água, congestionam ainda mais o tráfego. Talvez por isso, agora, esta necessidade de disciplinar o acesso e cobrar pela coleta da água de beber – isso vai reduzir este público (sedento pela água de beber), que destoa do público das termas (ansioso pela água de folgar e curar). A água termal, de maneira geral, parece ser valorizada pelos locais em Santo Amaro da Imperatriz mais como água para beber do que água para banhar, folgar e curar.

A partir dos depoimentos das pessoas escolhidas como informantes, em Santo Amaro da Imperatriz, pude observar a preocupação deles com a possibilidade do esgotamento do recurso natural devido à superexploração de um bem ambiental a partir da “turistificação” das paisagens nas quais esta água termal é usufruída. Esta superexploração poderia provocar justamente o desaparecimento do recurso. Neste sentido, meu objeto estaria relacionado mais intrinsecamente com a questão ambiental, de sustentabilidade do turismo termal. Esta não era uma preocupação compartilhada pela comunidade no município de Nueva Federación, onde a exploração do recurso termal está totalmente sob controle: existe um único parque termal e os empreendimentos turísticos orbitam em torno dele. Não há, ali, a preocupação com o desaparecimento da paisagem nem com a exaustão do próprio recurso termal. O município promove uma espécie de desenvolvimento sustentável, no entendimento que Amâncio e Gomes (2001) dão à expressão, isto é, a articulação entre crescimento econômico, equidade social e equilíbrio ecológico, induzindo a um “espírito de responsabilidade comum” como processo de mudança no qual a exploração de recursos materiais, os investimentos financeiros e as rotas de desenvolvimento tecnológico deverão adquirir “sentido harmonioso”.

Para alguns, a exploração do turismo termal no bairro de Caldas da Imperatriz está fadada ao fracasso, ou pela incompetência de quem gerencia o turismo, ou por uma espécie de maldição localizada no começo da exploração termal, quando, conforme uma de minhas informantes, “judiaram muito dos índios”, ou pelo próprio fato de o modismo das práticas termais já ter passado, sendo substituído pela alopatia, com relação ao tratamento de doenças, e por novas práticas turísticas destinadas ao lazer e à diversão.

Em Nueva Federación, em vez disso, a atividade vive franca expansão, pois esta identidade colada na exploração da água termal é mais marcada e também pelo fato de, em Nueva Federación, a gestão do turismo termal não ter sido privatizada, como ocorreu em Santo Amaro da Imperatriz. Caldas da Imperatriz, o bairro turístico, é como uma espécie de apêndice do município.

Outro fator desestabilizador de meus objetos de pesquisa no campo foram meus informantes, as pessoas que habitam esses locais. Locais turísticos são habitados provisoriamente por levas de pessoas das quais se tem noções bastante genéricas. Elas entram e saem do território e, assim como não existe um nós, um “de dentro”, digamos assim, que fique claro e seja mais constante, também não se consegue identificar com exatidão qual seria o outro, o de fora. Permanece a tensão com relação a um dos princípios da alteridade, justamente o de que uma identidade só pode ser construída a partir do contato com o outro. Esta discussão sobre os de fora e os de dentro também está presente nos depoimentos de todos os entrevistados e é uma questão recorrente na antropologia reflexiva ou hermenêutica: conhecendo os de fora – o outro – passo a conhecer mais a mim mesmo.

Foi constante, nos discursos dos informantes em Santo Amaro da Imperatriz, a preocupação com a compensação que o município reivindica pelo fato de preservar os mananciais de água que abastecem os habitantes dos municípios vizinhos. Esta cobrança de um imposto que seria uma contrapartida pelo fato de Santo Amaro dispor de águas minerais é cogitada porque já se naturalizou que a água é propriedade do município de Santo Amaro da Imperatriz. A água brota, afinal, naquele território e o território de Santo Amaro da Imperatriz se desenvolveu em torno de suas águas.

Por estar inserido num parque, o Parque Estadual da Serra do Tabuleiro, o município é obrigado a preservar suas nascentes e seria justo, por isso, que lhe fosse paga, como compensação uma espécie de “imposto verde”. O imposto faria com que houvesse reciprocidade (um tema antropológico). É paradoxal perceber, no entanto, que as águas sejam exploradas por empresas privadas dentro do próprio município – nos hotéis, no caso da água termal, e no caso da água de beber pela empresa que a envasa e a comercializa, a Jan Bebidas.

Ainda que as fontes hidrotermais sejam utilizadas para combater o reumatismo, problemas de pele, doenças respiratórias, do sistema gastrointestinal etc., e sejam aplicadas há milênios com sucesso nos tratamentos estéticos, elas são simultaneamente águas minerais. Elas têm natureza purificadora e hidratante. Do ponto de vista ambiental, são recursos, de modo bastante geral, e mais exatamente na atualidade, extraídos à exaustão, sem tempo necessário para a recarga dos aquíferos, o que compromete o futuro de seus atrativos. São patrimônios líquidos na mais plena acepção da palavra, pois fluem, não podem ser contidos e, ao mesmo tempo, são um patrimônio finito, que com o tempo vai ser exaurido.

Voltamos para a questão da propriedade da água, da água como patrimônio previsto na Constituição brasileira, quando ela elenca como passíveis de tombamento sítios de valor ecológico e científico, assim como já foram tombados locais de semelhante importância em Minas Gerais, por exemplo, como a bacia hidrográfica do rio Jequitinhonha e os complexos hidrotermais e hoteleiros do Barreiro de Araxá e de Poços de Caldas e Caxambu. Algumas cidades já protegidas pelo Iphan – Instituto Estadual de Patrimônio Histórico e Artístico de Minas Gerais – pretendem conseguir agora reconhecimento do Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional e, depois, o reconhecimento como patrimônio da humanidade, concedido pela Unesco.⁴

Em Santo Amaro da Imperatriz, grosso modo, parece que a população local não percebe a importância do recurso natural água termal, uma mina de diamantes, para alguns, mas uma prática terapêutica que já teria saído de moda, perdido lugar para a alopatia, no caso dos cuidados com a saúde, e mesmo como prática de lazer e estética.

Aí é que entraria o missionário, ou o antropólogo – o papel do etnógrafo é comparado ao do missionário por Clifford (1998, p. 230), para alertar, para dar a saber que se trata de um patrimônio e que ele precisa ser preservado, mesmo dando-se conta de que patrimonializar muitas vezes pode significar justamente objetificar, congelar, essencializar um bem que se queria preservar e ele vai acabar atraindo turistas e expulsando os moradores tradicionais, sem falar no desgaste que será sofrido pela própria paisagem com a sua turistificação.

O pensamento local – no caso de Santo Amaro da Imperatriz – pode ser resumido desta forma: os de fora chegaram e tomaram e dividiram as águas, ilhadas no bairro turístico. É possível hospedar-se no hotel municipal, é possível hospedar-se no até então melhor hotel, o Plaza Caldas da Imperatriz, pertencente a uma rede hoteleira gaúcha. Em breve, vai ser possível se hospedar no *resort* dos “árabes”. Observa-se, em Santo Amaro da Imperatriz, uma crescente exploração privada do recurso água termal. Mas ela é sempre mascarada com a publicidade de que se trata, pelo contrário, de oportunizar o contato com a natureza, com a saúde proporcionada pelo retorno ao Éden.

Assim, nos parece que haveria razões de sobra para preservar o recurso estratégico água mineral termal, que brota naturalmente em Santo Amaro da Imperatriz, no bairro turístico e histórico de Caldas da Imperatriz. Seria necessário, no entanto, que o reconhecimento da

⁴ <http://defender.org.br/2009/06/12/caxambu-quer-ser-tombada-como-patrimonio-da-humanidade/>. Consulta em 26 de junho de 2013.

riqueza extraordinária deste recurso natural fosse reivindicado pela comunidade, mas que, primeiro, encontrasse ressonâncias (GONÇALVES, 2005) no seio dos moradores do próprio território em que brotam estas águas, que em última instância esses moradores fossem alertados (pelos antropólogos, pelos missionários) sobre as possíveis usurpações deste recurso que pertence ao território e que pode estar sendo “trocado” independentemente da vontade desta população, que pode, propositadamente, não estar ciente deste tipo de comércio e que, por isso, não está sendo “remunerada” de forma devida. Deveriam os antropólogos influenciar na vida nativa?

Em contraposição, na construção de Nueva Federación como estação termal houve a participação de setores da população no próprio processo de exploração do recurso termal – uma ação que veio “de baixo” e que se estendeu para a posterior construção e inauguração do parque termal. Neste processo, para muitos habitantes locais, houve uma positividade no crescimento do turismo termal como forma tanto de resistir como de ressurgir depois de haver atravessado sucessivos, traumáticos e tristes processos de realocização.

Primeira perfuração termal da chamada Mesopotâmia Argentina, a água, no caso de Nueva Federación, não brota à superfície, como em Santo Amaro da Imperatriz, mas vem de uma profundidade de 1.260 metros, onde encontra o chamado aquífero Tacuarembó ou Guarani, o mesmo do qual se nutrem todas as termas no Uruguai e a maioria das termas no Brasil. Nas termas de Nueva Federación, as águas fluem na quantidade de 450 mil litros de água por hora a 43°C de temperatura e o complexo fica localizado próximo do lago de Salto Grande, no meio de 2,5 hectares de florestas, a reserva de Chaviyú.⁵

É importante mencionar que, desde os inícios até a atualidade, as obras foram impulsionadas e executadas pelo governo municipal, em articulação com setores da população local, situação que conduziu a uma característica distinta do desenvolvimento turístico em Nueva Federación, quando comparado com Santo Amaro da Imperatriz, porque o complexo termal é propriedade do município, é administrado e gerido pelo município, que monopoliza a exploração do recurso termal na localidade, como também ocorreu numa das fases iniciais do processo de exploração do recurso termal em Santo Amaro da Imperatriz.

Não acontece em Nueva Federación o aproveitamento econômico do recurso em estabelecimentos privados, pois só há um poço de perfuração e só há um estabelecimento

⁵ Como no caso de Santo Amaro, incrustrada no Parque Estadual da Serra do Tabuleiro, trata-se de uma espécie de reserva ecológica próxima do município. Mais em: www.argentinaturismo.com.ar/federacion/termas.php e http://turismo.perfil.com/4687-argentina-termal-de-punta-a-punta/termas_turismo_1_61211.

estatal que proporciona o usufruto das águas termais. Esta é uma característica central que organiza todo o restante da oferta de infraestrutura turística, que cresceu e se diversificou na medida em que o parque foi sendo incrementado tanto com relação à quantidade de visitantes recebidos como com relação à oferta de serviços, atividades e melhoramento de sua infraestrutura.

Na análise comparativa destas duas realidades com relação à exploração do recurso termal, acabei por decidir que o eixo da tese seriam os processos de patrimonialização e turismo. Meu objeto passou a ser o vir-a-ser. Nada estava dado. Pode-se inferir que tanto as práticas quanto as motivações não surgem só pela presença e detecção do recurso em questão, mas devido à sua transformação em atrativo turístico, o que se produz mediante um processo sociocultural situado histórica e geograficamente. O turismo em geral, e o turismo termal em particular, instituem-se como tais a partir do interesse por satisfazer necessidades de ócio vinculadas estreitamente com os denominados atrativos turísticos, quer dizer, com aqueles atributos cuja presença diferencial no território motiva o ato turístico (viajar para chegar a dito atrativo) e cuja existência define a condição de destino turístico do lugar.

Não importa quão destacadas, únicas e excepcionais sejam as características de determinado lugar de destino, dado que só se valorizarão como atrativos turísticos se conseguirem coincidir com as demandas presentes nas sociedades de origem dos turistas. Em consequência, a valorização de um lugar como destino turístico não vai se produzir só pelas características que lhes são próprias nem exclusivamente pela lógica da sociedade que habita este lugar (RAMÍREZ, 2008, p. 107).

Pelo contrário, o turismo é uma prática social enquadrada no tempo de lazer “do turista” e inclui “as atividades que as pessoas realizam durante suas viagens e permanência em lugares distintos daqueles em que vivem (...) com fins de lazer, negócios e outros, entre eles o turismo de saúde.”⁶

A substancialização do patrimônio, seja ele material ou imaterial, natural ou ambiental, cultural, histórico ou arquitetônico, sua conservação, seu possível desaparecimento, suas ruínas, suas memórias são todos indicadores de que os resultados desses processos de patrimonialização são sempre provisórios, difusos, contraditórios e oriundos de embates que, na maioria dos casos, se estendem pelo tempo e constituem questões discursivas, jogos de

⁶ A definição é das Recomendações da Organização Mundial de Turismo das Nações Unidas sobre Estatísticas de Turismo.

palavras, argumentações teóricas e propagandísticas. Pode-se perceber que a concepção de um patrimônio se constrói socialmente como resultado de embates entre diversos poderes, discursos e interesses envolvidos.

Referências bibliográficas

- AMÂNCIO, R. & GOMES, M. A. O. **Ecoturismo e sustentabilidade**. Curso de Pós-Graduação "Lato Sensu" (Especialização) à distância – Ecoturismo: Interpretação e educação ambiental. Lavras: UFLA/FAEPE, 2001.
- BASTOS, C. **From sulphur to perfume: spa and SPA at Monchique**. Algarve: Anthropology & Medicine, 2011.
- _____. 2011, **Banhos de princesas e de lázaros: termalismo e estratificação social**. Anuário Antropológico 2010/II: 107-125.
- BAUMAN, Z. **Modernidade líquida**. Tradução de Plínio Dentzien. Rio de Janeiro: Zahar, 2003.
- CLIFFORD, J. **A experiência etnográfica**. Antropologia e literatura no século XX. Rio de Janeiro: Ufrj, 1998.
- FOUCAULT, M. **História da sexualidade**. 3 O cuidado de si. São Paulo: Graal, 2011.
- GONÇALVES, J. R. S. **Ressonância, materialidade e subjetividade: as culturas como patrimônios**. Horizontes antropológicos, Porto Alegre, v. 11, n. 23, jan./jun. 2005.
- QUINTELA, M. M. **Saberes e práticas termais: uma perspectiva comparada em Portugal (Termas de S. Pedro do Sul) e no Brasil (Caldas da Imperatriz)**. História, Ciências, Saúde. Manguinhos, v. 11 (suplemento 1): p. 239-60, 2004.
- _____. **Banhos que curam: práticas termais em Portugal e no Brasil**. Acesso em http://ceas.iscte.pt/etnografica/docs/vol_07/N1/Vol_vii_N1_171-186.pdf, 2002 [1999].
- _____. **Seeking 'energy' vs. painrelief in spas in Brazil (Caldas da Imperatriz) and Portugal (Termas da Sulfúrea)**. Anthropology & Medicine, v. 18, n. 1, abril 2011, p. 23-35.
- RAMÍREZ, L. **Turismo, naturaleza y territorio**. El turismo termal en la localidad de Federación (Provincia de Entre Ríos, Argentina). Universidad Nacional de Mar del Plata, Facultad de Ciencias Económicas y Sociales. Tese de mestrado em Desenvolvimento Turístico Sustentável, 2008.